

7 FEV 1993

# O tiro fatal

LÉO DA SILVA ALVES

JORNAL DE BRASÍLIA

O tempo não tem o condão de apagar tudo. Fatos passados podem ser revigorados pelo tempo, que lhe adiciona as doses da prudência e da maturação. É assim que um episódio, de um domingo de 1987, me vem à memória hoje, exigindo uma reflexão mais ampla, notadamente acerca da vida e dos valores humanos.

A Assembléia Nacional Constituinte estava em curso. A Nação, que saíra às ruas pelas eleições diretas, tinha, nesse instante, os olhos voltados para Brasília. Ou, especificamente, ao monumental prédio do Congresso. Ali — presumi-a-se sendo traçado o rumo da felicidade nacional.

Foi nesse contexto que conheci o senador Fábio Lucena, 47 anos. Presença assídua e marcante nos trabalhos. No início do processo, vendo que no quarto dia já não havia **quórum**, assumiu compromisso de “não faltar a uma só sessão”, até que o País recebesse a sua nova carta. E ali se plantou, atuante.

É preciso sublinhar que foi eleito pelo Amazonas, numa situa-

ção curiosa. Em 1986, já era senador e tinha, ainda, mandato até 1991. Não queria, no entanto, ser unicamente senador: queria receber procuração específica para ser **constituente**. E, assim, decidiu concorrer de novo. E, de novo, foi eleito. Dessa vez, para continuar na Câmara Alta até 1995; e para, com poderes próprios, elaborar a nova Constituição.

Chegou com entusiasmo. Verificava presenças. Cobrava os omissos. Levantava questões de ordem. Buscava a disciplina da Casa. Lutava para acelerar o Regimento Interno. Defendia com afinco as suas posições. De repente, pôs fim a tudo.

Um tiro ecoa no apartamento funcional, na SQS 309. O sangue do guerreiro esvai, levando uma vida pública e tirando do lar o pai de cinco filhos. Suicida-se, numa crise depressiva.

A ocorrência não seria mais trágica não fosse a verificação de que os homens, que às vezes se mostram próximos e solidários, podem, também, por interesses

outros, se entregar ao extremo do egoísmo, do desrespeito e da insensibilidade.

Eu lembro, era domingo, como hoje. Cheguei ao auditório Nereu Ramos, da Câmara dos Deputados, e encontrei um grupo concentrado em torno da discussão do dia. A Constituinte votaria matérias ligadas às áreas das comunicações e do ensino particular e público. Parlamentares e lobistas, diretamente interessados nos resultados, estavam nervosos. Contavam e recontavam os votos necessários à aprovação das suas propostas. Nisso, aparece alguém e avisa: “Morreu o senador Fábio Lucena. Matou-se com um tiro”.

O grupo pára. Há um ligeiro silêncio, logo quebrado pela pergunta: “Ele era do nosso grupo?”

“Não” — respondeu alguém. “Ainda bem!”, exclamou outro. E todos, aliviados, baixaram a cabeça de novo, reexaminando votos, indiferentes à desgraça de um homem, ao luto da família e à perda do País.

■ *Léo da Silva Alves é advogado e conferencista*